

Ceilândia abre a sua cooperativa

CORREIO BRAZILIENSE

10 MAR

CB NAS RUAS

O que pensa a população da Ceilândia a respeito de Consumo? O Correio Braziliense fez uma enquete que a maioria dos moradores não conhece, ou melhor, viu falar em cooperativa de consumo.



Miguel Sinfrônio Borges, operário, pai de sete filhos; renda mensal de Cr\$ 25.000,00, residente à QNM 21, Conjunto "K", Casa 44: "Eu me associei desde que ouvi falar na cooperativa. Um irmão me explicou como era o funcionamento e fui logo favorável à ideia. Com a cooperativa, nós podemos comprar mais barato. Não tem muitas variedades de mercadorias, mas tem os principais produtos alimentícios. Sou a favor e vou lutar para conseguir levar a entidade à frente".



Maria de Fátima, dona de casa, renda média Cr\$ 200,00, residente à QNM 20, Conjunto "K": "Não sei como a cooperativa funciona, mas ouvi falar sobre isso. Assim mesmo, eu fico preocupada com o preço das coisas, para dar uma ideia, para dar uma tem que ver os preços. Não sei se vai ou não. Um desconto de um por cento".



Com cerca de 50 produtos alimentícios básicos, a preços mais baixos do que no comércio estabelecido, foi inaugurada, na EQNM 18/20, Bloco "C", Loja 12, Ceilândia Norte, a Cooperativa de Consumo dos associados da Associação Cultural, Recreativa, Esportiva e Habitacional dos Moradores da Ceilândia - Copacrece. Inicialmente, a Cooperativa vai atender somente os 65 sócios-fundadores, mas a direção convida a população da Ceilândia para se associar o mais rápido possível.

Os preços não são tão baixos como foi anunciado, mas, pelo menos, os moradores da Ceilândia que se associarem à entidade, terão oportunidade de participar das compras por atacado, ganhando a diferença.

O presidente da Copacrece, Vitaliano Ferreira de Araújo, disse que, para fundar a Cooperativa foi realizada uma pesquisa, "que durou muito tempo", entre as donas-de-casa. Cerca de 500 pessoas foram entrevistadas e 65% delas foram favoráveis à criação da entidade. Com isso, eles realizaram "um sonho que vinha desde 78. Agora, estamos pleiteando um terreno junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA - para desenvolver plantação de gêneros de primeira necessidade", enfatiza Vitaliano.

A cooperativa funciona num prédio cedido pela Secretaria de Serviços Sociais, onde funcionava a Telebrasil. A Telebrasil, inicialmente, cedeu a loja sem cobrar nenhum ônus e, em troca, a Associação teria que fazer a reforma do imóvel. Agora, segundo Vitaliano, a SSS está querendo cobrar o aluguel, mas eles "não têm condições de pagar".

Os associados da Copacrece são,

na maioria, pessoas humildes, de baixo poder aquisitivo. As maiores rendas são de alguns dos sócios fundadores, que têm rendimentos em torno de 40 mil cruzeiros. Mas muitos não passam de um ou dois salários, conforme explicou Vitaliano.

O único requisito exigido para se filiar à Cooperativa é que a pessoa tenha um rendimento de, pelo menos, um salário mínimo, Cr\$ 5.750,00. Acima desse valor, qualquer morador que desejar, pode procurar a loja e fazer a inscrição.

Quando a pessoa é admitida, tem que pagar uma taxa de Cr\$ 900,00 para cobrir despesas operacionais. O associado deve comprar, no mínimo, 10 cotas no valor de Cr\$ 100,00, para formar o capital de giro da entidade, quem quiser pode comprar o número de cotas que desejar.

Com o capital de giro, serão comprados os principais produtos de alimentação: feijão, arroz, farinha, óleo, macarrão, café, cebola e sal, entre outros, que serão adquiridos, principalmente, à Rede Somar de Abastecimento da Cobal, à Sociedade de Abastecimento de Brasília - SAB e a quem vender mais barato. Eles não trabalharão com produtos perecíveis. Ontem, o feijão, principal produto na mesa do brasileiro, não estava sendo oferecido. Alguns produtos que estavam nas prateleiras tinham os preços quase iguais aos do mercado situado em frente à Cooperativa: arroz Batuta extra, cinco quilos, Cr\$ 138,90; Canoeiro, Cr\$ 122,80; Kero, 154,80; açúcar cristal, dois quilos, Cr\$ 58,80; cebola, Cr\$ 12,50; óleo Violeta, Cr\$ 59,98; Bombril, Cr\$ 10,50; sal, Cr\$ 8,50; e farinha de mandioca, Cr\$ 45,50, entre outros.

Ceilândia abre a sua cooperativa

CORREIO BRAZILIENSE

10 MAR 1981

Com cerca de 50 produtos alimentícios básicos, a preços mais baixos do que no comércio estabelecido, foi inaugurada, na EQNM 18/20, Bloco "C", Loja 12, Ceilândia Norte, a Cooperativa de Consumo dos associados da Associação Cultural, Recreativa, Esportiva e Habitacional dos Moradores da Ceilândia - Copacrece. Inicialmente, a Cooperativa vai atender somente os 65 sócios-fundadores, mas a direção convida a população da Ceilândia para se associar o mais rápido possível.

Os preços não são tão baixos como foi anunciado, mas, pelo menos, os moradores da Ceilândia que se associarem à entidade, terão oportunidade de participar das compras por atacado, ganhando a diferença.

O presidente da Copacrece, Vitaliano Ferreira de Araújo, disse que, para fundar a Cooperativa foi realizada uma pesquisa, "que durou muito tempo", entre as donas-de-casa. Cerca de 500 pessoas foram entrevistadas e 65% delas foram favoráveis à criação da entidade. Com isso, eles realizaram "um sonho que vinha desde 78. Agora, estamos pleiteando um terreno junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA - para desenvolver plantação de gêneros de primeira necessidade", enfatiza Vitaliano.

A cooperativa funciona num prédio cedido pela Secretaria de Serviços Sociais, onde funcionava a Telebrasil. A Telebrasil, inicialmente, cedeu a loja sem cobrar nenhum ônus e, em troca, a Associação teria que fazer a reforma do imóvel. Agora, segundo Vitaliano, a SSS está querendo cobrar o aluguel, mas eles "não têm condições de pagar".

Os associados da Copacrece são,

na maioria, pessoas humildes, de baixo poder aquisitivo. As maiores rendas são de alguns dos sócios fundadores, que têm rendimentos em torno de 40 mil cruzeiros. Mas muitos não passam de um ou dois salários, conforme explicou Vitaliano.

O único requisito exigido para se filiar à Cooperativa é que a pessoa tenha um rendimento de, pelo menos, um salário mínimo, Cr\$ 5.750,00. Acima desse valor, qualquer morador que desejar, pode procurar a loja e fazer a inscrição.

Quando a pessoa é admitida, tem que pagar uma taxa de Cr\$ 900,00 para cobrir despesas operacionais. O associado deve comprar, no mínimo, 10 cotas no valor de Cr\$ 100,00, para formar o capital de giro da entidade, quem quiser pode comprar o número de cotas que desejar.

Com o capital de giro, serão comprados os principais produtos de alimentação: feijão, arroz, farinha, óleo, macarrão, café, cebola e sal, entre outros, que serão adquiridos, principalmente, à Rede Somar de Abastecimento da Cobal, à Sociedade de Abastecimento de Brasília - SAB e a quem vender mais barato. Eles não trabalharão com produtos perecíveis. Ontem, o feijão, principal produto na mesa do brasileiro, não estava sendo oferecido. Alguns produtos que estavam nas prateleiras tinham os preços quase iguais aos do mercado situado em frente à Cooperativa: arroz Batuta extra, cinco quilos, Cr\$ 138,90; Canoeiro, Cr\$ 122,80; Kero, 154,80; açúcar cristal, dois quilos, Cr\$ 58,80; cebola, Cr\$ 12,50; óleo Violeta, Cr\$ 59,98; Bombril, Cr\$ 10,50; sal, Cr\$ 8,50; e farinha de mandioca, Cr\$ 45,50, entre outros.

CB NAS RUAS

O que pensa a população da Ceilândia a respeito da Cooperativa de Consumo? O Correio Braziliense fez uma enquete e descobriu que a maioria dos moradores não conhece, ou melhor, nunca ouviu falar em cooperativa de consumo.



Miguel Sinfrônio Borges, operário, pai de sete filhos, renda mensal de Cr\$ 25.000,00, residente à QNM 21, Conjunto "K", Casa 44: "Eu me associei desde que ouvi falar na cooperativa. Um irmão me explicou como era o funcionamento e fui logo favorável à idéia. Com a cooperativa, nós podemos comprar mais barato. Não tem muitas variedades de mercadorias, mas tem os principais produtos alimentícios. Sou a favor e vou lutar para conseguir levar a entidade à frente".



Maria de Fátima, dona-de-casa, mãe de três filhos, renda média Cr\$ 16.000,00, residente à QNM 20, Conjunto "I", Lote 20, Ceilândia Sul: "Não sei como as cooperativas de consumo funcionam e, para falar a verdade, nunca ouvi falar sobre isso. Essa foi a primeira vez. Assim mesmo, eu fiquei sabendo pelo rádio. A gente, para dar uma opinião mais apurada, tem que ver os preços. Sem isso, não posso fazer previsão, se vai ou não trazer benefícios. Um desconto de um por cento já é alguma coisa".



José da Silva, operário, viúvo, sem filhos, ganha salário mínimo, mora à QNM 22, Conjunto "E", Casa 32, Ceilândia Sul: "Vamos ver. Pode até melhorar, mas eu não acredito que venha trazer muitos benefícios. Pra falar a verdade, eu nunca ouvi falar disso nem sei como funciona a cooperativa. Pela propaganda que os associados fizeram, todos os moradores da Ceilândia ficaram animados. Vamos aguardar mais um pouco para ver se o negócio funciona da maneira que dizem".



Expedito Gonçalves Nunes, funcionário público, pai de quatro filhos, renda familiar de Cr\$ 16.000,00: "Olha eu gasto quatro mil cruzeiros por mês só em alimentação. Se a cooperativa de consumo funcionar, como dizem, vai ser muito bom. Não sei nada sobre esse assunto. Vim hoje, aqui, porque fui convidado por um cunhado que é associado da Acrece e trabalha organizando a entidade. Numa compra, se tivermos um desconto de um ou dois cruzeiros, já é uma grande vantagem".



Josefina Maria, dona-de-casa, mãe de dois filhos, renda média de 10 mil cruzeiros, residente à QNM 20, Conjunto "N", Lote 38, Ceilândia Norte: "Olha, eu nunca ouvi falar de cooperativa de consumo. Ouvi o anúncio no rádio e vim para conferir se é verdade ou não. Se for, eu vou me associar. É melhor do que ser explorada pelos comerciantes. Na cooperativa, a gente pode comprar os principais alimentos. Só o preço é que deve ser bem baixo, se não, é melhor não se criar nada".



Davina Guimarães, dona-de-casa, mãe de um filho, renda média de 15 mil cruzeiros, residente à QNM 20, Conjunto "N", Casa 38, Ceilândia Norte: "Não acredito que as cooperativas funcionem. Eles dizem que vendem mais barato. Se for verdade isso, será muito bom. Não estou muito por dentro da maneira que uma cooperativa de consumo funciona. Fiquei sabendo da existência dessa aí, porque um amigo falou para mim".